



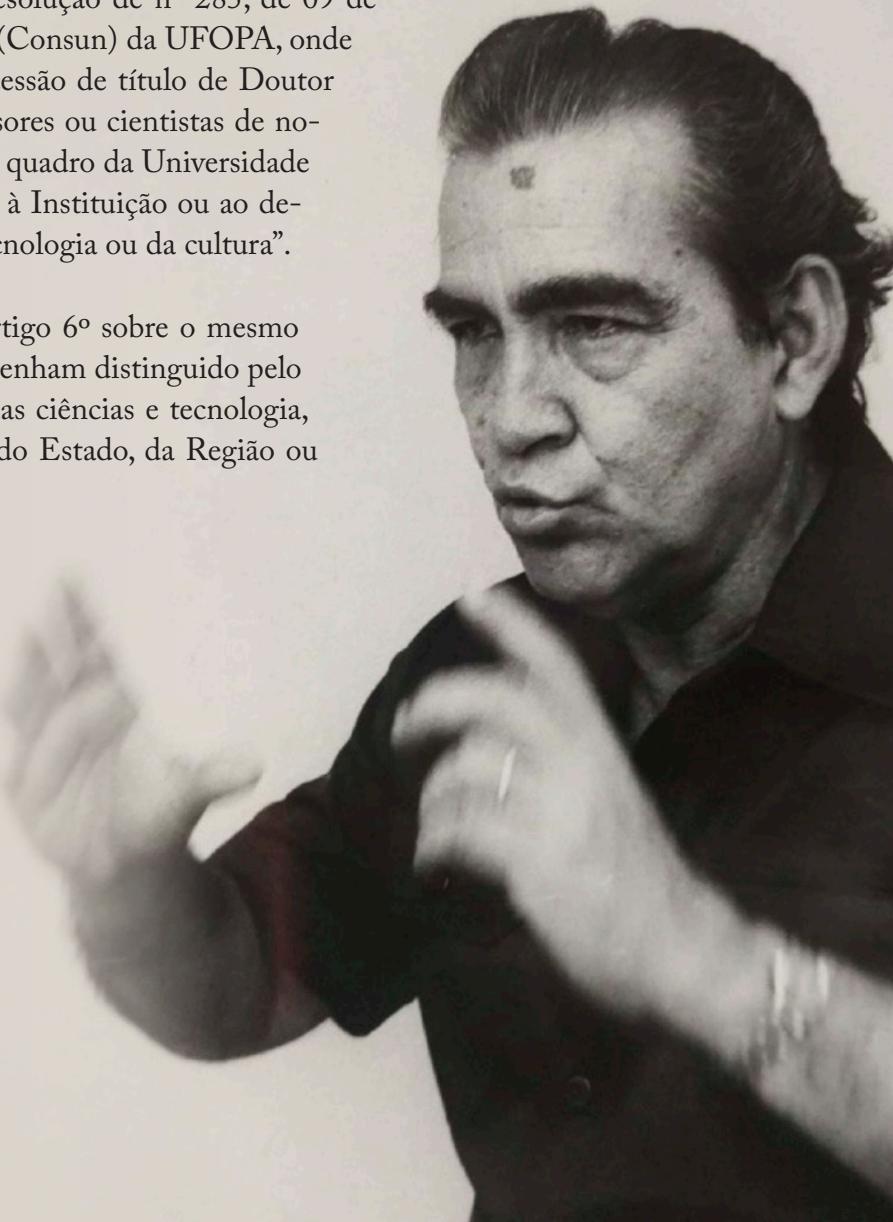
**Universidade Federal do Oeste do Pará
Instituto de Ciências da Sociedade
Conselho do Instituto de Ciências da Sociedade**

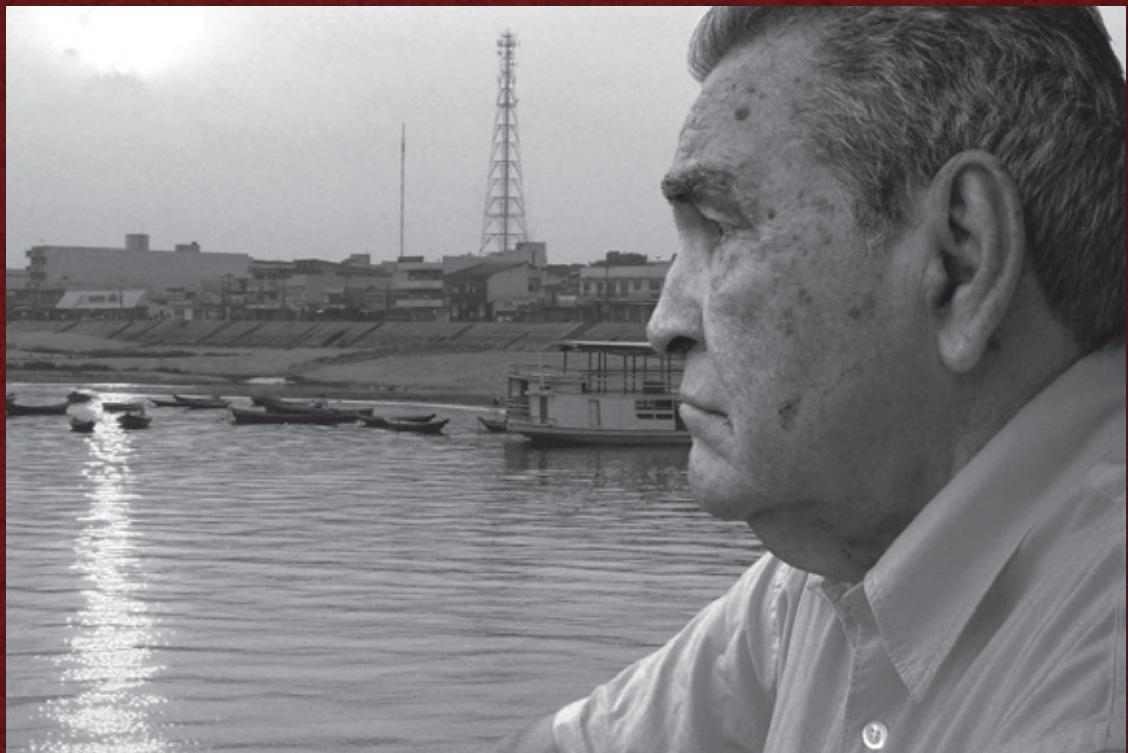
100 anos de *Benedicto Wilfred Monteiro*

CONSIDERANDO o que descreve a resolução de nº 285, de 09 de julho de 2021, do Conselho Universitário (Consun) da UFOPA, onde é prescrito em seu artigo 5º sobre a concessão de título de Doutor Honoris Causa, que é “destinado a professores ou cientistas de notório reconhecimento, não pertencentes ao quadro da Universidade e que tenham prestado relevantes serviços à Instituição ou ao desenvolvimento do ensino, da ciência, da tecnologia ou da cultura”.

CONSIDERANDO o que esclarece o artigo 6º sobre o mesmo tema, “destinado às personalidades que se tenham distinguido pelo saber ou pela atuação em prol das artes, das ciências e tecnologia, da filosofia e das letras, da Universidade, do Estado, da Região ou do país ou do melhor entendimento entre os povos”.

O Conselho do Instituto de Ciências da Sociedade tem a honra de encaminhar a este Conselho Universitário – CONSUN, a proposta de concessão do título de Doutor Honoris Causa post mortem ao Exmo. Senhor Benedicto Wilfred Monteiro, conforme deliberação tomada na reunião ordinária do dia 24 de abril de 2024.





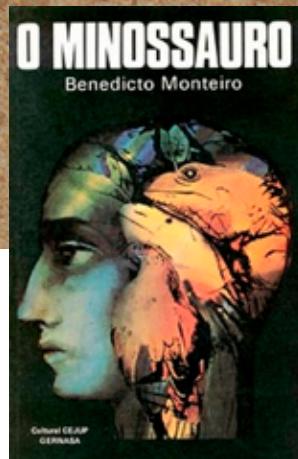
Nos textos de Benedicto Monteiro é onde melhor se destrança a trama humana desumana da vida social da Amazônia que é a verdadeira selva selvagem: a mata penetrada, assassinada, pela civilização predatória. Lá, metidos por milênios, povos índios morenos de mil falas e mil caras, decifram a mata, aprendendo a viver dela e com ela, cultivando, caçando e procriando. Um dia, sobreveio a hecatombe mercantil e cristã. Era a civilização. Como uma avalanche ela apodreceu os corpos com as pestes da raça branca. Escravizou os sobreviventes, para desgastar milhões no trabalho venal. Reproduziu-se no ventre de mil cunhãs. Entorpeceu o espírito das gentes com a desmoralização missionária das velhas crenças. Apodreceu suas almas no desengano da vida nova que não vale a pena ser vivida. A salvação para muitos foi a terceira margem (Darci Ribeiro, antropólogo, professor, escritor e um dos fundadores da Unb, em prefácio do livro A Terceira Margem, edição de 1981, autoria de Benedicto Monteiro/Cejup).

A Terceira Margem integra o que ficou consagrado como a tetralogia (Verde Vagomundo, Minossauro e Aquele Um) do autor ximango (alenquerense), Benedicto Wilfred Monteiro, nascido no dia 29 de fevereiro de março de 1924 nas paragens de Alenquer, no Baixo Amazonas, ou oeste paraense.

Por se tratar de um ano bissexto, o jornalista, advogado de posseiros, ativista pela reforma agrária, gestor público, escritor, intelectual público, professor e árduo defensor da democracia e dos direitos humanos, teve em registro de nascimento

como nascido no dia 01 de março pelos pais Lúdgero Burlamaqui Monteiro e Heribertina Batista Monteiro.

Bené, como era tratado pelos mais próximos, foi um homem múltiplo. Diverso, colheu na oralidade/sabença do universo da várzea de sua terra natal, por entre furos, paranás, igapós e rios, a seiva que servirá de nutriente de sua obra. Como salienta o professor Darci Ribeiro no excerto acima, Monteiro apresentará ao mundo a civilização da várzea, as suas tramas, dramas, contradições e possibilidades.



Apesar de ter nascido em família abastada e dona de terras, o socialismo servia de farol para o escritor. A opção política provocava tensões no seio familiar. Ao tomar posse das terras da família, as compartilhou entre trabalhadores rurais. Junto aos trabalhadores era recorrente o convívio e a comunhão da mesma refeição em Alenquer. Naqueles tempos idos, a segregação contra pobres, negros e filhos de mãe solteira (linguagem da época) era galopante. A eles era vedado participar de clubes de futebol e acesso as sedes de lazer. Junto aos interditados, Monteiro fundou, sob a inspiração da Internacional Socialista, o Clube de Futebol Internacional (1950) e construiu sede social, em oposição ao União Sportiva de Alenquer (USA), fundado em 1923.

Cidadão do mundo, Monteiro correu o trecho em busca de formação. Idos das primeiras décadas do século XX, no Rio de Janeiro fez par com o marajoara Dalcídio Jurandir – igualmente comunista – após ter sido convidado a sair da casa do tio (um militar) por conta da sua opção política, recupera Abílio Pachêco, em perfil sobre o autor, em tese apresentada na Universidade de Campinas (Unicamp), em 2020.

“Chove sobre os campos de cachoeira (1933)”, de Jurandir, aos olhos de Monteiro serve de farol sobre a construção da representação da Amazônia, em particular, sua especificidade da oralidade, o mundo das águas e da floresta.

No mesmo documento, o professor realça que Monteiro foi convidado por Marighela a engrossar as fileiras da luta armada, quando setores da sociedade organizavam movimentos com vistas a viabilizar guerrilhas urbana e rural. Neste

contexto, o advogado teve a sua licença da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) cassada, e passou a colaborar com escritórios de amigos. Ele informa em relato do período que, sempre que era anunciada a visita de alguma “autoridade” do regime ao Pará, era preso com antecedência, e liberado vários dias após o evento.

Pachêco (2020), nas informações elencadas sobre Monteiro, recupera que na condição de advogado, ou em campanha política, o ximango registrava em gravações os relatos dos trabalhadores em suas andanças pelo interior. Nestas incursões ao longo dos anos, reuniu mais de 100 fitas k7 gravadas e um número expressivo de fichamentos sobre a linguagem local.

O horizonte residia em coletar informações para a produção de uma dissertação sobre o falar local, e assim, pleitear uma vaga no magistério superior. Pachêco (2020) sublinha que todo esse material foi apropriado pelos militares, e nunca foi restituído ao autor ou a sua família. A sanha contra o saber, a educação, a democracia e o conhecimento era a palavra de ordem. Um projeto de país. Um projeto de aniquilação.

Preso, Benedicto fez da reclusão do cárcere o tempo para refletir, formatar narrativas e forjar personagens, a exemplo de Miguel dos Santos Prazeres. Privado do assento político, o alenqurense fez da literatura a sua bandeira e oxigênio.

Além das informações do professor Pachêco, leitura de parte da obra do autor, tem-se um texto-súmula produzido por Wanda Monteiro, poeta e filha do Benedicto, radicada na cidade de Niterói, estado do Rio de Janeiro, como fontes do presente documento.

É ela quem rememora que o enlace matrimonial de Bené com Wanda Marques sucederá em julho de 1954, em território quilombola de Pacoval, nas barrancas de Alenquer, em rito ecumênico aglutinando manifestações de matrizes africanas e católicas. A união resultou na fieira de cinco barrigudin, onde constam Aldanery, Ana Luiza, Wanda Benedita, Benedicto Filho e Dulce Inez. Não contente, o casal adotou mais um rebento, o Adenilson.

Monteiro testemunhou as primeiras experiências desenvolvimentistas impostas sobre a Amazônia. Os processos são desnudados em suas obras. Assim como apresentadas as conjunturas que os impuseram. Todo o contexto político, eco-

nômico e institucional que fomentou o saque, a pilhagem e toda a ordem de violências sobre a região na escala nacional e internacional.

No diversificado rosário de relações dos vários Benedictos, há registro de diálogos com os intelectuais da Amazônia, onde encontramos nomes como Benedito Nunes, Lúcio Flávio Pinto, Rui Paranitinga Barata, Vicente Cecim, Samuel Benchimol, Artur Cézar Ferreira Reis, Max Martins, Márcio Souza (Editora Marco Zero), entre outros. Bem como, trocou correspondências com Nélida Piñon, prosa com Jorge Amado e Darci Ribeiro. No campo político, além de Marighela, tem-se o presidente deposto pela ditadura civil-militar, João Goulart.



Sobre a repercussão dos escritos de Benedito mundo afora, o site da UFPA alumeia que, na Europa, suas obras despertam interesse em países como Portugal, Holanda, Itália e Alemanha, onde foram traduzidas e geradoras de inúmeros trabalhos acadêmicos. Na Alemanha sobressai a investigação do pesquisador Klaus Meyer Koeken, intitulada “Die Illusion Von oraitat im brasiliianischen Roman”: “Zur Simulation realer Sprechsituationen in drei ‘mündlich erzählten Lebensgeschichten’.

Já nos Estados Unidos, destaca-se o trabalho do professor Malcolm Silverman da San Diego State University – Califórnia, que em livro traduzido para o português intitulado “Protesto e o novo romance brasileiro”. Benedito Nunes, professor e ensaísta paraense de reconhecimento nacional, sobre Verde Vagomundo, em texto datado de 1973, adverte: “[...] um romance que, rompendo com as limitações do regionalismo, integre, numa narrativa universalmente representativa, o mais característico e o mais peculiar tanto

ao meio físico quanto ao meio cultural quanto do estado das relações humanas, inclusive sociais e políticas, duma região quase sempre desgastada pela má literatura.”

É a Amazônia o império das águas? Por todos os lados, de diferentes colorações, ela predomina doce, salobra ou salgada. Olhos, furos, paranás e rios configuram riomares, rebojos e banzeiros. Caimento de terras a reconfigurar feições territoriais. Erosões fluviais, diria o “sabido”. Nas cidades ribeirinhas, aos moldes do Baixo Amazonas, trapiches e portos encarnam espaços fundamentais e estratégicos no fluxo de informações, mercadorias, gentes e sociabilidades. A orla é a alma do universo ribeirinho. Trocas materiais e simbólicas são ali exercitadas.

Casas de madeira, redes de pesca, redes de dormir, embarcações de tudo que é tamanho e coloração integram a paisagem, bem como currais de gado e árvores tombadas por conta da dinâmica das águas, que a tudo afronta. A pecuária em pequena escala predomina em algumas cidades, a exemplo de Alenquer, onde nasceu há quase cem anos, o advogado, gestor público, político comunista – ainda que a família fosse considerada abastada – e escritor, Benedicto Monteiro. O coração, a sabença e olhos do ximango a tudo atentou e gravou em poesia e boa literatura. Entre contos, poesia e romances, constam 24 obras.

Na condição de gestor público, Bené exerceu os cargos de Promotor Público, Juiz de Direito e Secretário de Estado. Na barricada política foi eleito Deputado Estadual, tendo sido cassado em 1964, e preso nas matas do quilombo de Pacoval, em Alenquer, e em seguida seus direitos políticos cassados por uma década. Na condição de um quadro do movimento comunista, visitou vários países de verve socialista. Posição que o

credenciou entre os cinco dirigentes principais no estado do Pará.

Wanda Monteiro, uma das filhas, recorda que em Alenquer, Monteiro foi pretor, juiz de Direito e promotor. Foi deputado estadual por duas legislaturas. Após a página infeliz da nossa história, foi eleito deputado federal e reeleito para a Assembleia Nacional Constituinte.

Preso e incomunicável por vários meses, conheceu nos quartéis o dissabor e a desumanidade da tortura física e psicológica. Após a saída da prisão, exerceu a advocacia agrária e a literatura, tendo publicado no campo do Direito o livro “Direito Agrário e Processo Fundiário”. Wanda relembra ainda a contribuição do pai como professor convidado de várias instituições de ensino superior, onde ministrou palestras, seminários e cursos de extensão no campo do Direito Agrário.

Durante o governo de Aurélio do Carmo (1961-1964), foi líder no Legislativo. Exerceu também os cargos de secretário de Obras, Terras e Aviação. Teve forte participação na colonização de terras na Belém-Brasília, colaborando na fundação de cidades como Paragominas e vilas, como Mãe do Rio, hoje com *status* de município. Benedicto Wilfred Monteiro foi ainda membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, da Academia Paraense de Letras e da Academia Paraense de Jornalismo.

É nestes termos, considerando as valiosas e reconhecidas contribuições do homem da várzea de Alenquer, em variados campos e espaços da sociedade local, paraense e do país, apresentadas

aqui de forma resumida, como intelectual, político, gestor público, jornalista, defensor dos direitos humanos e da democracia, que apresentamos o pedido de concessão do título de Doutor Honoris Causa *post mortem* ao senhor Benedicto Wilfred Monteiro.

“Na condição de gestor público, Bené exerceu os cargos de Promotor Público, Juiz de Direito e Secretário de Estado.”